

A (in)compatibilidade do *Skateboard* com os Jogos Olímpicos: uma análise cultural

Autor

Vítor Borba Shnaiderman

borbashnaiderman@gmail.com

Resumo

O presente artigo trata de um suposto conflito de valores inconciliável, que suscitou reflexões após a inclusão do skateboard no programa dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, na medida que uma considerável parcela da comunidade de praticantes da modalidade se revelou contrária à decisão. Para aquele segmento, os traços de liberdade e independência do skate estariam ameaçados no ambiente de competitividade característico das modalidades desportivas tradicionais. Aliás, a própria qualificação do skate como desporto é discutível, e merece considerações, com recurso à raiz cultural desta modalidade. Por fim, realizar-se-á um contributo dedicado aos benefícios que os Jogos Olímpicos podem oferecer ao skate e aos skatistas.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos, Skate, Polémica, Competitividade, Subcultura

Introdução

Sob proposta do Comitê de Organização dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, de setembro de 2015, o Comitê Olímpico Internacional (COI) decidiu, em 03 de agosto de 2016, acolher o *skateboard* como modalidade olímpica, ao lado do *surf* e da escalada, entre outros, no programa dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2020, com a possibilidade de estarem em futuros eventos.¹ O escopo da referida proposta e respetiva decisão foi impulsionar a audiência do público jovem e reconhecer a tendência da urbanização dos desportos, a fim de promover as Olimpíadas.

¹ Adriana Kuchler (et al), "COI aprova entrada de surf, karatê e skate para Olimpíada de Tóquio 2020", *Folha de São Paulo*, consultado em abril de 2021, disponível em www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1798517-coi-aprova-entrada-de-surf-carate-e-skate-para-olimpiada-de-toquio-2020.shtml.

O anúncio da elevação do skate ao quadro de desportos olímpicos não agradou grande parte da comunidade de praticantes e dividiu opiniões. Muitos reconheceram se tratar de uma invenção de efeitos benéficos à modalidade e aos seus praticantes, mas outros praticantes ofereceram resistência a tal enquadramento, alegando tratar-se de uma instrumentalização do skate para a divulgação dos jogos e de uma limitação permanente aos traços de individualidade e liberdade, característicos da modalidade, devido aos reveses adstritos à regulamentação desportiva, dos quais trataremos adiante. Neste sentido, ao lado das vozes de crítica nos meios de comunicação especializados,² milhares de praticantes assinaram uma petição *online*, em oposição à inserção.³

A polémica em torno do Skate nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Da mesma forma, skatistas célebres e consagrados manifestaram-se em oposição à decisão do COI. O receio: que os praticantes percam a essência cultural do *skateboard*, e que as normas consuetudinárias (desenvolvidas e transmitidas entre os praticantes), que caracterizam um singular mutualismo nas pistas, tornem-se obsoletas, sendo substituídas por ditames de rivalidade e de competitividade.

Raízes: o skate vem da rua

Desde a sua (incerta) origem – tradicionalmente imputada a tribos surfistas californianas, o skate sofreu notáveis desenvolvimentos. Não apenas o *board* foi adaptado, designadamente em termos de formato e de tamanho, mas inúmeras manobras foram inventadas (ou descobertas), lendas do skate foram reveladas, e marcas especializadas nasceram e cresceram juntamente com o número de praticantes. O principal, entretanto, é que o palco do *skateboarding* deixou de ser o seu berço, a costa oeste norte-americana, e chegou às maiores metrópoles do globo, como Nova Iorque, Barcelona e São Paulo, e desenvolveu-se exatamente no seio dos

² Gary Roger, apresentador do programa semanal “SkateLine”, do canal do Youtube da produtora ThrasherMagazine, a principal revista desta seara, afirma que “*this is the hardest, most amazing, beautiful thing on earth – it is. It’s the most fun. I don’t want to see us not being able to be recognized by the planet. There’s just better ways*”. Disponível youtu.be/uWKQDEFcd9s.

³ David Wharton, “Some skateboarders want no part of the Olympics”, *Los Angeles Times*, consultado em abril de 2021, disponível em www.latimes.com/sports/sportsnow/la-sp-sn-skateboarders-no-olympics-20151012-story.html.

aglomerados urbanos, os quais deram azo a uma contracultura singular, produto de um contexto de transformações políticas e sociais protagonizadas pela juventude.

Ao contrário de qualquer desporto, o skate⁴ não requer um «local apropriado», ou um recinto desportivo específico, na medida que qualquer local é apropriado, resultando numa ressignificação do espaço urbano – como ocorre no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA), ou na Casa da Música, no Porto. O *skate street* caracteriza-se, pois, pelo recurso a escadas, corrimões, superfícies, bancos e quaisquer outros obstáculos da rua, apropriando-se do espaço urbano, muita vez, por meio de uma postura rebelde e indiferente em relação à ordem convencional.

No mesmo sentido, em face ao perfil dos jovens praticantes, de classes sociais mais baixas, e ao estilo associado às culturas do *punk* e do *hip-hop*, a sociedade construiu um estigma negativo do skatista a partir da década de 1980, vinculando-se-lhes à marginalidade e ao vandalismo.⁵ Nesse contexto, a prática do skate foi proibida em toda a cidade de São Paulo, em 1988, com fundamento na suposta periculosidade do skate aos usuários e transeuntes, proibição que só foi revogada, por acordo, no mandato do prefeito sucessor.⁶ A partir de então, em paralelo com histórias e movimentos análogos em diferentes países, para reagir contra a criminalização do skate e da marginalização da identidade do skatista, as comunidades adotaram o grito “*skateboard is not a crime*”,⁷ movimento que abrange não apenas as reivindicações por espaço urbano, mas também a luta pelo respeito de uma subcultura.

A partir de 1995, com a criação dos *X-Games* e da consolidação dos «desportos radicais», o skate assistiu ao seu acolhimento no *mainstream*. A consequência desta inovação foi, desde logo, a popularização do skate, em termos de números de praticantes e representatividade geográfica. Além disso, ao passo que a vulgarização de um desporto permitiu o sucesso financeiro dos atletas e promoveu a democratização da modalidade, também assistimos à sedimentação do skate na

⁴ Referimo-nos, adianta-se, à modalidade street, que concentra a maioria esmagadora dos praticantes – e se difere substancialmente do skate vertical, que demanda estruturas onerosas, circunstância que se reflete na condição socioeconómica dos praticantes.

⁵ Maurício Bacic Olic, “Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate”, *Campos - Revista de Antropologia Social*, v. 15, 2014, página 80.

⁶ Giancarlo Carraro Machado, *De “carrinho” pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*, São Paulo: Dissertação (Mestrado) pela Universidade de São Paulo, página 137.

⁷ A esse respeito, conferir James Davis, *Skateboarding is not a crime: 50 years of street culture*, Carlton, Firefly, 2004. A frase referida é um dos símbolos dos adeptos, sendo reproduzida em imagens, *t-shirts* e tábuas como um grito de guerra.

cultura jovem, como moda e *lifestyle*, que teve auge na década de 2000 – elemento que contribui, ao lado das práticas corporais, das preferências musicais e das expressões linguísticas, para a identificação de uma «tribo urbana», em harmonia com a tese de Michel Maffesoli.⁸

Mas a verdadeira mensagem do skateboard, constatamos, não é esta derivada de uma tendência jovem romantizada, com tempo de antena em propagandas de lojas de roupa. O skate nasceu, e assim (sobre)vive, como manifestação de liberdade individual, associada a um senso de coletividade, bebendo de um *lifestyle* complexo e de cariz alternativo. É essa, pois, a identidade genealógica do skate, independentemente da diversidade taxonómica das submodalidades, a qual particulariza o seu universo, caracterizando-lhe pela independência e pela ausência de regras.

Skate e competição: valores incompatíveis?

Poder-se-ia definir o *skateboard* como uma prática *suis generis*, precisamente porque não encontra correspondência nos restantes desportos olímpicos: embora não possamos retratá-lo puramente como desporto, como brincadeira ou como cultura, a conjugação de todos os referidos elementos participa da conceção que se vai adotar. De acordo com Jay Adams, um dos pioneiros a surfar no asfalto, “o skateboard é um *lifesyle*, um veículo, uma identidade, uma forma de arte, uma obsessão, tudo menos um desporto”.⁹

Assim sendo, ao passo que, do ponto de vista externo, o skate é um desporto livre de ação (*freestyle action sport*), a comunidade de praticantes questiona o enquadramento da modalidade como desporto, bem como dos seus praticantes como atletas.¹⁰ A questão é levantada, sobretudo, em virtude da ausência de elementos

⁸ De acordo com o sociólogo francês, a identificação das tribos urbanas perpassa pela identificação de comunidades empáticas, organizadas em torno do compartilhamento de gostos e formas de lazer, que estruturam nossas megalópoles e cujos vínculos internos se caracterizam pela volatilidade. Michel Maffesoli, *Le temps des Tribus. Le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse*, Paris, Méridiens-Klincksieck, 1988, página 220 e seguintes.

⁹ Jonathan Clark, “With Skateboarding heading to the Olympics, what’s next for the anti-sport?”, *Rolling Stone*, consultado em abril de 2021, disponível em www.rollingstone.com/culture-sports/skateboarding-heading-to-the-olympics-whats-next-for-the-anti-sport-248563/.

¹⁰ V, por todos, Tony Honorato, “A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro”, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 35, 2013, pp. 95-112.

comuns às modalidades desportivas tradicionais, nomeadamente a pressuposição de treinos, de regras e do caráter competitivo.

Em primeiro lugar, no que respeita à ausência de um conjunto sistemático de normas que disciplinam a experiência do *skateboarding*, a comunidade é propositalmente omissa: não há regras, nem seria possível que houvesse, não obstante exista uma fraterna partilha oral dos específicos *know-how* necessários para a realização dos truques. Isto porque o skate é intrinsecamente livre, privilegiando-se a criatividade e a independência, e comportando uma variação ilimitada de manobras, respetivamente temperadas por uma multiplicidade de estilos (o que é também ponderado na sua avaliação).

Assim, os praticantes buscam constantemente a inovação e a diferenciação, a fim de registar um cunho autêntico, e a dinâmica das comunidades de skatistas se dedica à mútua apreciação da realização das manobras e dos referidos estilos diversos, por meio de aplausos e cortejos. Daqui se retira que não é possível, por definição, tabelar todos os truques e suas respetivas classificações, e que a manobra mais técnica nem sempre é a mais aclamada, motivo pelo qual a tentativa de introdução de critérios de avaliação objetivos é uma ameaça à inovação, à diferenciação e à originalidade.

Revela-se, nesta medida, a preponderância do cariz lúdico do skate, isto é, da experiência com fim nela mesma, vivida de forma prazerosa e sem qualquer expectativa de contrapartida,¹¹ a qual eclipsa a dimensão competitiva do skate. Há vozes que defendem ser a realização de competições de qualquer natureza inconciliável com a genealogia de liberdade e independência do skate, afirmando que a propagação competitiva termina por divulgar um conceito competitivo incongruente com a realidade, e alheio ao espírito do skate. Para essa corrente, competições entre skatistas seriam análogas a um campeonato de pintura, que dependeria da tradução de expressões subjetivas em parâmetros objetivos através de uma métrica padronizada, motivo pelo qual estariam, *ex ante* e por definição, condenados ao insucesso ou (pelo menos) à injustiça.

Da mesma forma, grande parte dos praticantes rejeita o enquadramento do praticante como atleta em sentido estrito, como se de um desporto de alto rendimento

¹¹ Marcos Garcia Neira, "Etnografando a prática do skate: elementos para o currículo da educação física", *Revista Contemporânea de Educação*, v. 9, n. 18, 2014, p. 311.

se tratasse. De acordo com Giancarlo Machado, tal recusa desdobra-se da sensação de que “a disciplina é cerceadora da liberdade da prática”, além dos traços de apoio mútuo entre os competidores e da inexistência de técnicos ou treinos específicos para as competições. De acordo com Rui Proença Garcia, o conceito de treino consiste na “repetição sistemática, racionalmente construída”, visando o alcance de novas performances e a superação dos próprios limites,¹² ideia completamente desajustada do panorama das pistas e, até mesmo, da realidade dos profissionais.

Quanto à marcante falta de competitividade, trata-se de uma característica particular, que dificilmente se reconhece no universo desportivo, e menos ainda nas modalidades olímpicas individuais, como o atletismo ou a natação. Aliás, aquele que quer sempre sair vencedor (repetindo manobras e não inovando) é estigmatizado,¹³ e o verdadeiro campeão é quem arrisca o «tudo ou nada», em benefício do prazer e do encantamento. Por outro lado, a génese de desportos como o futebol e o basquetebol está atrelada às rivalidades,¹⁴ das quais se alimentam as equipas envolvidas e os seus adeptos, dando origem aos clássicos (ou *derbies*), e sem os quais as competições não sobreviveriam. O ADN do skate, por sua vez, carrega a rejeição às rivalidades hostis. A esse respeito, o prestigiado skatista Tony Hawk afirmou:

O skate tem muito mais a oferecer aos jovens em termos de autoconfiança, de identidade, e de estabelecer seus próprios desafios. E isso tudo não está baseado na competitividade. As competições não são como noutros desportos. Esperando pela sua volta de 40 segundos, os skatistas circulam pela pista, conversando e aclamando, enquanto seus amigos, ao seu redor, aproveitam uma cerveja ou um lanche de um *food truck*. É essa singularidade, que nasceu da criatividade da modalidade e do espírito alternativo, que deveria continuar a atrair potenciais skatistas – e não a sua popularidade ou lucratividade.¹⁵

¹² Rui Proença Garcia, “Desporto de alto rendimento ou a busca dos limites humanos”, *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 17, 2017, p. 101.

¹³ De acordo com Giancarlo Machado, os praticantes considerados “campeoneiros”, que adotam sucessivas estratégias para vencer”, são categorizados como «robosinhos». Giancarlo Machado, *De “carrinho*, cit., p. 75.

¹⁴ Cristina Cordeiro Alves, *Posso morrer pelo meu time: a construção social da rivalidade clubística entre Grêmio e Internacional e a sua relação com as violências no futebol*, Porto Alegre: Dissertação (Mestrado) pela UFRGS, 2014, p. 26.

¹⁵ Tony Hawk (tradução livre), *apud* Rachel Joyner, “Skateboarding does not need Games validation, says Hawk”, *Reuters*. Consultado em abril de 2021, disponível em www.reuters.com/article/us-olympics-2020-skateboarding-hawk-idUSKCN1V00OF.

Além disso, extraímos da veia libertária da modalidade, bem como da sua conexão com uma identidade cultural complexa, que o profissional dificilmente se sujeitaria ao uso de capacetes ou uniformes de alta performance (prefere-se, manifestamente, o chapéu e as calças largas), da mesma forma que não pratica por obrigação contratual. Todavia, com a referida profissionalização deste universo, reconhece-se que o skatista da nova geração que se pretende manter em aproveitamento em campeonatos internacionais por um período prolongado vem sendo obrigado a assumir uma postura de atleta, no que respeita, por exemplo, à disciplina e à alimentação. A tendência da profissionalização do skate originou críticas às competições mediatizadas, como a *Street League Skateboarding*, e à invasão das grandes indústrias no mercado e na comunidade do skate.¹⁶

Destarte, embora prevaleça o significado de criatividade e independência – os quais, muita vez, têm destaque nas produções audiovisuais das marcas de skate, denominadas videopartes –, é assente que os circuitos e campeonatos também fazem parte da história da modalidade. Graças aos eventos da década de 1970 e 1980 que lendas como os Z-Boys e da Bones Brigade foram reveladas, além de oferecerem visibilidade e oportunidades aos praticantes com menos condições económicas, pelo que as competições foram essenciais para a construção do eminente e globalizado cenário contemporâneo da modalidade. E se tantos outros campeonatos não só não obstaram como ajudaram o skate a crescer, por que apenas os Jogos Olímpicos trariam consequências nefastas? Quanto às virtudes do companheirismo e do “amor à camisa”, não é esse o olimpismo do qual se tanto fala? Vejamos:

O Olimpismo tem como princípios a amizade, a compreensão mútua, a igualdade, a solidariedade e o "fair play" (jogo limpo). Mais que uma filosofia esportiva, o Olimpismo é uma filosofia de vida. A ideia é que a prática destes valores ultrapasse as fronteiras das arenas esportivas e influencie a vida de todos.¹⁷

Eis que a inclusão do skate no elenco de desportos olímpicos não implica, *ipso facto*, no esvaziamento da identidade da modalidade e dos seus praticantes, mesmo

¹⁶ Jeff Grosso, skatista da «velha-guarda» californiana, considera que tais ligas terminam por anular uma grande porção do skate e de skatistas, com o fito de retirar lucros, e assim redefinem o significado de skateboard da forma que querem. Sam Blum, “Is SLS a sell-out? Not everyone is convinced that skateboarding’s only pro league is good for the sport”, *Vice*, consultado em abril de 2021, disponível em [vice.com/en/article/mgzbzn/is-street-league-skateboarding-a-sell-out](https://www.vice.com/en/article/mgzbzn/is-street-league-skateboarding-a-sell-out).

¹⁷ Comitê Olímpico Brasileiro, *O Olimpismo*, consultado em abril de 2021, disponível em www.cob.org.br/pt/cob/movimento-olimpico/o-olimpismo.

porque os campeonatos já estão presentes nas *skateparks*, e (porque ninguém é obrigado a disputá-los) nem por isso assistimos a qualquer mercantilização. A essência do skate permanece pura, e seu signo de liberdade se vai ser preservado. Aliás, é possível que o *skateboard* tenha uma palavra a oferecer às demais modalidades, estampando ao mundo aquilo que se concebe como espírito desportivo. Se é esse o verdadeiro propósito dos Jogos Olímpicos, nas palavras de Bob Burnquist, “o espírito do skate vai chegar, e estamos mais próximos dos Jogos Olímpicos do que outras modalidades”.¹⁸

Conclusão

Diante das considerações realizadas, urge reconhecer que o skateboard é uma modalidade de contornos bastante diversos das ditas tradicionais, e comporta, até mesmo, usos e valores antagônicos em relação ao sistema desportivo, a ponto de um segmento dos praticantes afirmar, conforme exposto, que a) o skate ofereceria aos Jogos Olímpicos muito mais benefícios do que retornos, e b) que o acolhimento do skate poderia ser funesto para a comunidade, em detrimento dos importantes traços da liberdade e da independência dos atletas. Pese embora reconheçamos as diferenças desenvolvidas, umas patentes, e outras apenas atestadas pelos que conhecem tal cultura, chegamos em uma conclusão diversa: os Jogos Olímpicos têm muito a oferecer ao ecossistema do skate e aos seus organismos.

Por se tratar de um desporto democrático, que bem acolhe e se desenvolve em qualquer canto das cidades, em paralelo com laços de amizade e com um raro senso de coletividade, entendemos que a proliferação do número de praticantes, provável consequência do sopro skatista em Tóquio, seria estritamente profícua para a sociedade. Ainda, tratar-se-á, provavelmente, do mais cativante e fraterno dos desportos olímpicos, de forma particularmente espirituosa, na medida que os “competidores” são elementos integrantes de uma comunidade global, que partilham uma identidade cultural, oferecendo ao mundo, assim, uma lição de mútuo respeito e apoio *inter pares*.

¹⁸ Vitor Chicarolli, “Olimpíada não vai tirar a nossa identidade, afirma Bob Burnquist”, *Lance*, consultado em abril de 2021, disponível em www.lance.com.br/mais-esportes/olimpiada-nao-vai-tirar-nossa-identidade-afirma-bob-burnquist.html.

Paralelamente, insta reconhecer que a própria visão do skate pelos seus praticantes vem se alterando nas últimas décadas, e pode ser anacrónico reduzir este universo àquele «uso irreverente e transgressor das ruas, inventando maneiras de ser onde o corpo tinha um lugar especial», conforme Leandro Brandão descreve a matriz do skate de rua.¹⁹ O quotidiano do skate de hoje, maioritariamente concentrado nas pistas e praças, é recetivo a famílias, não comporta restrições de género ou idade, e está repleto de jovens que miram as competições tencionando apoios e patrocínios – o que não afeta a dinâmica de liberdade e diversão das sessões diárias.

Além disso, aquela que, provavelmente, é a grande contrapartida dos Jogos Olímpicos à comunidade de skatistas é a visibilidade. A expansão do cenário atual pode significar a sua projeção internacional, por se tratar de um desporto ainda embrionário em outros continentes, chegando diferentes em países, inclusive (e quiçá), com o estímulo dos Estados. A partir do momento em que o skate entra no programa olímpico ao redor do globo, assistiremos maiores contributos governamentais, designadamente em termos de projetos sociais e de investimentos infraestruturais, por exemplo através da construção de pistas e da inserção do skate nas escolas. O reflexo do aumento de adeptos seria a expansão do mercado, uma possível diminuição do custo dos equipamentos, e ganhos em termos de credibilidade e respeito dos praticantes.

Todavia, não se pode é admitir que o skate dos Jogos Olímpicos seja controlado e organizado por terceiros, que não conhecem as especificidades da prática, nem nunca promoveram ou trabalharam em benefício dos praticantes.²⁰ E é unívoca, mesmo entre os skatistas que apoiam a inclusão olímpica, de condicionar²¹

¹⁹ Leonardo Brandão, “O skate invade as ruas: história e heterotopia”, *Revista Rua*, nº 20, v. II, 2014, p. 58.

²⁰ Recentemente eclodiu um conflito interno no Brasil acerca do órgão com competência para representar o skate nos Jogos Olímpicos, após o Comité Olímpico Brasileiro ter reconhecido a Confederação Brasileira de Hóquei e Patins como legítima representante, à despeito da Confederação Brasileira de Skate, que sempre lutou em prol da modalidade. A comunidade de skatistas se revoltou, e o COB voltou atrás em sua decisão após mudanças internas por parte da CBSk. Marcos Antônio, “Crise burocrática entre COB, CBHP e CBSk ameaça participação de skatistas brasileiros nos Jogos de Tóquio 2020”, *Surto Olímpico*, consultado em abril de 2020, disponível em www.surtoolimpico.com.br/2017/01/crise-burocratica-entre-cobcbhp-e-cbsk.html.

²¹ Para a Marcelo Santos, ex-presidente da Confederação Brasileira de Skate, “o Skate somente deve ser incluído nas Olimpíadas se o controle das regras, administração, arbitragem e fiscalização estiver a cargo de skatistas. A confederação não aceita uma entidade internacional que não seja formada e gerida por skatistas para a tarefa de tornar o Skate um esporte olímpico”. Marcelo Viegas, “A questão olímpica”, *Revista CemporcetoSKATE*, nº 175, 2012.

tal ingresso ao investimento de uma considerável margem de discricionariedade às associações representativas específicas, a fim de determinar questões centrais (como os critérios de avaliação das manobras e a idealização das pistas) ou periféricas (como uniformes,²² identificação dos atletas, e questões várias), em nome da autodeterminação dos praticantes, do respeito pela história e pela independência da modalidade, e da liberdade da qual seus praticantes não estão dispostos a abdicar.

Mas vale a pena, insiste-se. A comunidade de praticantes e de empresas tem a ganhar com a inclusão do skate nos Jogos Olímpicos, pelos motivos expostos, o que não é reducionista, nem tampouco consubstancia uma rendição ao *mainstream* ou aos regulamentos.²³ Como sempre foi, aqueles que não desejam competir continuarão nas ruas, sem prejuízo à sua independência e beneficiando-se de maior credibilidade, enquanto os que decidirem competir nas Olimpíadas terão o privilégio de representar os seus países através de uma modalidade essencialmente não competitiva e contagiante, outrora marginalizada, levando a mensagem do skate a todos os cantos do mundo.

²² Os uniformes masculinos e femininos divulgados pela Nike não foram bem acolhidos pela comunidade de praticantes. Nesse sentido, Stephen Douglas, “Nike's Olympic Skateboarding Uniforms Are... Something”, *The Big Lead*, consultado em abril de 2021, disponível em thebiglead.com/posts/nike-olympic-skateboarding-uniforms-pictures-ugly-01e0bevsnf8j.

²³ Requer, de facto, a realização de alguns sacrifícios, nomeadamente quanto à padronização da vestimenta, ao uso dos capacetes e à subordinação aos (extremamente criticados) testes antidoping. V, por todos, Fernando Poffo, “Pira Olímpica”, *Revista Trip*, disponível em revistatrip.uol.com.br, consultado em abril de 2021.